

Comunicação: substantivo feminino

Na igreja de Francisco

A Igreja, repete o papa Francisco, é feminina. Exatamente como o substantivo comunicação, repetido seguidamente pelas mulheres que crêem, tem mil faces diferentes. Tentarei delinear algumas dessas faces existentes na comunidade cristã católica do terceiro milênio. Nela, muitas vezes, as vozes das mulheres permanecem submissas, apagadas, escondidas, mas nem por isso privadas do espírito profético. Porque existem modalidades do comunicar e anunciar o Evangelho essencialmente femininas, pelos seus traços de ternura, atenção, sensibilidade. E também, ao lado disso, mediante a escolha consciente de uma linguagem, direta e franca, ou, às vezes, de um silêncio testemunhal.

O papa Bergoglio cita muitas vezes aquela exortação de Francisco de Assis aos seus discípulos: «Pregai sempre o Evangelho e, se necessário, também com as palavras», referindo-se à Regra não escrita (1221). E dado que Francisco é indissol-



velmente ligado a Clara de Assis, que amava definir-se “a sua pequenina planta”, gostaria de começar com ela e com suas irmãs pobres, ou clarissas – ainda presentes em todo o mundo, depois de mais de 800 anos da fundação – para desfilarem uma série de “elementos” (um “decálogo” seria longo demais neste momento) sobre as mulheres comunicadoras da fé, tentando fazer um tesouro das palavras pronunciadas pelo Pontífice sobre este assunto, nesses dois primeiros anos de seu pontificado.



Ter sempre as antenas ligadas e atentas.

Em 17 de fevereiro de 1958, Clara, a primeira mulher na história da Igreja a escrever uma regra religiosa, foi declarada por Pio XII padroeira da televisão e das telecomunicações. Em um artigo de 11 de agosto de 1993, festa de santa Clara, publicado pelo *Corriere della Sera*, Aldo Grasso definiu Clara «a santa da *glasnost*, da transparência, onipresente como uma aldeia global: a padroeira da pequena televisão “inventou” a transmissão direta, ao vivo. São Francisco é padroeiro da Itália; talvez nem todos saibam que Clara é a padroeira da TV (portanto, um reino agora bem mais vasto a ser protegido). Mas, por qual razão escolher uma santa cujas seguidoras vivem em estado de perene clausura e, se supõe, nem assistam à tv? A Igreja reconhece que o novo meio tem um requisito particular apenas para alguns santos: o dom da ubiquidade, aquela milagrosa presença simultânea de uma mesma pessoa em dois ou mais lugares diferentes. Segundo a tradição, em uma noite de Natal, em Assis, enquanto permanecia doente em um leito de seu convento, Clara ouvia, como se estivesse presente, os cantos litúrgicos durante as cerimônias religiosas que eram executados na igreja franciscana e viu, preparado naquele lugar, o presépio».

Na doença, no limite, na pobreza do seu corpo, Clara descobre a capacidade de ver além, de ter as antenas da alma atentas para colher, no ar, o sopro do Espírito. Irmã Diana Papa, abadessa do mosteiro de Otranto, a quem entrevistei para o

Vivendo na presença de Deus, somos chamadas cada dia a ser mulheres do encontro, capazes de proximidade, dom incondicional, perdão, misericórdia, ternura.

Avvenire, convida, no seguimento de sua fundadora, a «ver Deus operante na história, através da beleza da encarnação. Vivendo na presença de Deus, somos chamadas cada dia a ser mulheres do encontro, capazes de proximidade, dom incondicional, perdão, misericórdia, ternura».

Pôr-se à escuta... para poder falar

Para saber o que comunicar e como fazê-lo, é preciso, antes de tudo, pôr-se à escuta. Da realidade, dos últimos, da Palavra, dos sinais dos tempos dos quais falava o Concílio Vaticano II. Não é pouco nem fácil, em um mundo imerso num falatório constante dos social network e da conexão contínua na Internet, discernir sobre as notícias, repercutir as coisas que têm sentido e importância, sem dispersar-se no caos midiático.

Não por acaso, o papa Francisco, recebendo no dia 5 de dezembro de 2014, os membros da Comissão teológica internacional, evidenciou «a significativa presença das mulheres; presença (segundo ele, «ainda não tão grande: são as cerejas da torta, mas se deseja sejam sempre em maior número!») que se torna um convite para refletir sobre o papel que as mulheres podem e devem ter no campo da teologia. Em virtude de sua criatividade feminina, as teólogas podem relevar, para o benefício de todos, certos aspectos inexplorados do insondável mistério de Cristo (citação da *Evangelii gaudium*, n. 103). Convidados, pois, a trazer o melhor benefício desta contribuição específica das mulheres para a maior compreensão da fé».

Estar próxima dos problemas da Igreja e das pessoas.

Um convite formulado diretamente pelo papa Bergoglio, sempre em 5 de dezembro de 2014. Para comunicar, de fato, não se pode permanecer ancorados nas próprias seguranças, em uma torre de marfim, em uma redação ou atrás de uma escrivaninha.

É preciso exercitar-se concretamente na proximidade, sentir o *cheiro das ovelhas* (para usar outra metáfora bergoliana de sabor evangélico), ser especialistas de empatia. «O insensível não é apto a desenvolver essa atividade», escrevia o jornalista polonês Ryszard Kapuscinski. E a cofundadora das Paulinas, irmã Tecla Merlo, repetia:



«Emprestemos os pés ao Evangelho». Uma frase que ressoa com extraordinária contemporaneidade a de tantos mestres do jornalismo: para narrar a realidade é necessário gastar as solas dos sapatos. Não se trata de um convite sem importância e retórico, em um mundo que cada vez mais se torna virtual, nas redações que se estruturam no desk e nas seleções de dados das agências de notícias. Dessa forma, a realidade se torna, pouco a pouco, algo de duvidoso, indefinido, que não toca a pessoa e não a envolve completamente. Sequências de imagens frias e repetidas continuamente, fatos já vistos, não vítimas de guerras, migrantes à deriva, pobres no coração das cidades.

Mestra Tecla desejava ainda: «Queria ter mil vidas para dedicá-las ao apostolado». Como a dizer – de forma sintética e luminosa– que a comunicação, e ainda mais, o anúncio do Evangelho implica sujar as mãos e tem no seu DNA o desejo de encarnação e partilha, humano e espiritual ao mesmo tempo. Mais simplesmente, cristão.

É um «desafio não mais adiável» estudar «critérios e modalidades, a fim de que as mulheres se sintam não hóspedes, mas plenamente participantes dos vários âmbitos da vida social e eclesial», para «uma presença feminina mais minuciosa e incisiva» (papa Francisco, 7 de fevereiro de 2015).

Laura Badaracchi
Jornalista

Em virtude de sua criatividade feminina, as teólogas podem relevar, para o benefício de todos, certos aspectos inexplorados do insondável mistério de Cristo